

ARCA DE NOE.

Eu farei hum concerto contigo; e tu entrarás na Arca, tu, teus fillos, tua mulher, e as mulheres de teus fillos contigo

Genesis Cap. 6.

Não se accião assignaturas para este Periodico; e vende-se os numeros avulsos nas casas dos Srs. Plancher, rua do Ouvidor; João Baptista, rua da Cadea; Albião, Praça da Constituição; Laemert, rua da Quitanda; e na rua da Ajuda n.º 118, preço 80 rs. huma folha.

RIO DE JANEIRO, TYP. DO DIÁRIO, 1833.

INTERIOR, A PARABOLA DOS TOLOS.

REUNIA-SE em certa Cidade todos os annos em tempo fixado huma *assembléa* composta de homens eleitos pelo povo, a qual estava encarregada de formar leis que promovessem o seu melhoramento; porem como o povo nem sempre estivesse ao alcance de conhecer bem os homens que devia eleger, nem tivesse penetrante vista para melhor os distinguir, acontecia o serem eleitos *muitos tolos* em lugar de sabios; grande numero de *perverços e velhacos* em vez d'homens p'rbos, e honrados; apparecendo pois nesta *assembléa* alguns bons de mistura com muitos máos; poucos sabios confundidos com *patetas*: a maior parte das vezes os *tolos e velhacos* que fazião causa commum, formavão questões ociosas, que só servião para desacreditar a mesma *assembléa*, e consumir o tempo precioso que se deveria empregar em utilidade do povo, que os tinha elegido: semanas inteiras gastavão os *tolos e velhacos* com o fazer *propostas*, indicar *medidas*, que lhes suggeria sua *velhacaria*, ou sua *toleima*: e não se passava dia em que com suas *arêngas*, antes *disparates*, não quebrassem os ouvidos, e ralassem a paciencia de quem os escutava: os varões sabios, e prudentes desta *assembléa*, os homens justos, lamentavão conjunctamente com o povo o

esperdicio de tempo, que os *tolos* causavão, empecendo por este modo qualquer lei de melhoramento em beneficio do povo; e nas diversas questões que com a sua *estulticia* formavão, querião sempre que prevalecesse a sua *velhacada* ou *estulta* opinião: hum dia discursavão elles com largueza; querendo provar a *necessidade* que tinha a *assembléa* de formar uma lei pela qual se prohibisse a entrada no territorio d'hum *Gigante* auzente, e de quem os *tolos e velhacos* se tenião por o haverem maltratado: fazemos huma lei, dizia hum dos *tolos*, em que se permita a cada hum de nós o poder matar o *Gigante* se cá vier: o melhor he, dizia outro *tolo*, que lhe tiremos os direitos de pertencer a nosso gremio: criemos, dizia est'outro, soldados para irmos contra o *Gigante*; formemos esquadras, dizia um *velhaco* *stoleimado*, para o *acommettermos* por mar, e impedir seu desembarque: prohiba se desde já, bradava outro *tolo*, que se falle mais no *Gigante*: nestas e n'outras *asneiras* que taes, tinhão os *tolos e velhacos* gasto huma grande parte do tempo; athe que hum dos sabios fatigado já de ouvir tanta *parvoice*, não pode conter-se que não dissesse — Estão Vms., Srs. *tolos e grandes-sissimos velhacos*, consumindo com seus *disparates* o tempo, que podia ser empregado na formação de leis que melhorassem a sorte do povo, ou occupado no exame da conducta d'*aquelles*, que tinhão abusado da sua auctoridade em prejuizo

do mesmo povo: ora digão-me Vms., se o *Gigante* quizer vir, será essa lei de papel, que o hade impedir? não; então para que fim a querem Vms. fazer? para o irritarem talvez com os seus despropósitos: e se o *Gigante* vier, qual de Vms., *Srs. tolos*, tem coragem para o matar? nenhum, e antes serão apreçados em fugir: logo para que he essa lei que nenhum de Vms. he capaz de executar? fallão ahi á tãa em crear-se tropa; onde esta a gente para isso? em parte nenhuma; querem atmar navios, formar esquadras; mas onde estão os vazos de guerra, e onde a marinagem? são. Vms. muito estupidos que não conhecem que a não ha; querem Vms. prohibir que se falle no *GIGANTE* a quem têmem de longe, o que fará de perto; mas de que serve essa prohibição? deixará alguém de falar n'elle, quando e onde queira; muito principalmente não tendo o medo que Vms. *Srs. tolos*, mostram? essa prohibição irá desafiar ainda mais o ap-tite de se fallar no *Gigante*: ora para que são estas *parvoíces*, que estão dizendo, e pelas quaes só mostrão *cobardia*, *vileza*, e *más* intenções contra quem nem lhes fez mal, nem se lembra de Vms.: ou Vms. se calem, ou não fação a figura de *Quixotes* nesta assemblêa; não foi para isso que o povo incautamente os elegeo, e lhes paga com não pequeno sacrificio.

Este discurso do sabio foi aplaudido pelos varões prudentes da assemblêa, e por todo o povo, que, reconhecendo o engano em que tinha cahido elegendo taes *tolos e velhacos*, não pode occultar sua indignação; e elles vendo se corridos não se atreverão mais a comparecer na assemblêa; então os sabios desafrentados começarão a cuidar na felicidade do povo para o que tinham sido eleitos.

Milhares de vezes temos ouvido fallar em federação, em reformas da Constituição, e em se conceder às Provincias mais attribuições, e mais poderes: más tudo isto não passa de meras formalidades, e ensaios para distrahir, e esperar os Povos opprimidos; e queixosos, em quanto os Verres da Corte vão a seu salvo praticando quantas a bitriedades lhes sugere a sua imaginação e que mais a salvo pôdem contribuir para seu bem estar, sem se importarem que os Brasileiros, que não partilhão d's mesmos sentimentos, e que recusão prestar cega obediencia ao Des-

potismo, soffrão o pezado jugo de intoleraveis Mandões. Quaes são os bens que nos tem vindo dessa Revolução de 7 de Abril, feita para nos salvar (dizem) dos males que zoffria-mos? A multiplicidade de outros maiores males athe então não conhecidos? A continua, e acinte violação das Leis? A successiva perseguição da honra? A constante violação de todos os Deveres, e Direitos?

A Constituição do Imperio jurada para se cumprir, e guardar, ainda não foi executada, e já se pretende reformar. Ainda não se conhece regularidade no exercicio dos Poderes Politicos. As Leis cardaes, e Regulamentares não existem todas, e se algumas há Ném de serem imperfitas, tem sentido na sua execução tantos embaraços, que melhor fora não existissem. v. g. A Lei da responsabilidade dos Ministros, e Conselheiros de Estado: já se vio algum Ministro d'Estado ou Conselheiro da Coroa punido pelos seus actos? Terão elles deixado de merecer pela infracção das Leis, pelas dissipações dos bens publicos, e por subornos e concussões, o justo castigo dos seus abusos? Mas a isto se dirá que a fortuna faz passar os crimes dos grandes por bagatellas, e as bagatellas dos pequenos por crimes. Já temos na forma do Art. 150 da Constituição huma Ordenança especial para regular a organização do Exercito do Brasil suas promoções, soldos, e Disciplina, assim como da Força Naval? Já temos na forma do Art. 158 as Relações nas Provincias do Imprio para julgarem a segunda, e ultima instancia, por commuidade dos Povos? Tm-se acaso visto na execução o Art. 155, pelo qual só por Sentença poderãõ os Juizes perder o Lugar? Temos hum Codigo do Processo, mas este ainda não executado para se conhecer de sua utilidade, ou imperfeição, já foi precedido de huma Lei de reformas ao Pacto Social, que só deveria soffrer mudanças depois que, montadas em seus devidos eixos todas as maquinas do Systema jurado, se podesse conhecer verdadeiramente quaes as reformas que convinhão. E (permitta-se nos a franquesa) não era objecto que se tratasse durante a menoridade de S. M. o Imperador, que ainda não jurou a Constituição, e a quem competia sancionar, ou não sancionar a Lei para se tratar das reformas, e não á Regencia, que não podendo deixar de sancionar as mesmas Leis, pôde-se suppor que o Corpo Legislativo a coagio a

banccionar o Decreto das reformas; e que por isso ha invasão, ou accumulção de Poderes, que são bem distinctos entre si: Já temos por ventura, regularisado o Systema financial do Imperio? Huma Lei (a de 4 de Outubro) pertendeo reorganisar o Thesouro, e Juntas da Fazenda, mas a nosso ver as cousas cada vez vão a peor; o Systema monetario no mais penoso, e triste estado possível, e a Nação proxima a tocar os ultimos parocismos de sua existencia: entre tanto, reformas, e mais reformas, parecendo-nos que tantos remedios não de querer applicar ao enfermo que não de dar com elle na sepultura. O credito publico vai com gigantados passos para a sua total aniquilação, e nós não vemos senão palliativos, e continuada introdução da podre, e depreciada moeda de cobre. Que devemos pois esperar do nosso actual estado de cousas? Que ellas melhorem sómentê com a decretação das reformas? Quem nos aſançará o bom resultado dellas, se da Constituição jurada não o podemos obter? Infeliz Monarcha que ainda não chegastes á idade de jurar o Pacto solemne da Nação, já o pertendem truncar, e talvez despedaçar! O Deus dos Brasileiros honrados proteja a vossa orphandade, e innocencia, a fim de que no meio dos embates das paixões, dos erros, e dos crimes não tenhaes de ser victima da ambição dos malvados.

(Do *Irrexvel.*)

Em quanto no Porto o Sr. D. Pedro, obra prodigios de valor, e, expõdo sua vida pela causa da liberdade grangea a cordeal affeição dos portuguezes; em quanto a Europa reconhece e respeita o direito sagrado que lhe assiste, e os homens liberaes de todos os paizes lhe fazem o mais grato accollimento em seus corações, no Brasil huma *facção* insolente e malvada pertende deslumbra sua gloria, e com afan trabalha para fazer huma lei de eterno opprobrio, huma lei injusta e immoral que bana do Brasil o Sr. D. Pedro; que contraste! he a *necessidade*, dizem os *facciosos*, quem os força á sua feitura, como se para hum povo civilisado possa haver *necessidade* que o obrigue a praticar a injustiça, o opprobrio, e a immoralidade; que vergonha! pertendem os detractores da honra e gloria do Sr. D. Pedro, justificar o pertendido

banimento com o exemplo de nações estranhas, e que não tem paridade no Brasil; digão esses *jacobinos*, em que nação do mundo civilisado fosse banido o Principe que tivesse dado independencia e liberdade a seu paiz? onde se vio ser o proprio Pai banido em nome do filho? não seriam estes actos, quando praticados, da maior afronta á civilização, á justiça, e á humanidade! Se mesmo em alguma parte huma *facção* dominante valendo-se da sua posição quizesse forçar a tenra innocencia do Monarcha para que em seu nome se promulgasse huma lei tão repugnante aos sentimentos do coração, tão contraria aos saos costumes, não provava com isso a *facção* a sua malvadeza, e a sua ferocidade, a que todos os cidadãos tinham direito de se oppor para não serem manchados com a nodoa que só devia cobrir os *facciosos*!

Mas que motivos terão os nossos *jacobinos* para desejarem o banimento do Sr. D. Pedro; quaes as razões para o fundamentarem? Em quanto aos motivos: nós não descobrimos outros que não sejam os beneficios que constantemente fez ao Brasil; Elle proclamou sua independencia; deo lhe huma Constituição liberal; concorreo quanto da sua parte esteve para o seu melhoramento e prosperidade; nem o genio da devastação, a sede ardente de sangue humano, o despotismo barbaro e atroz, poderão, como hoje infelizmente vemos, distinguir o seu reinado; a *Paz*, sim a *Paz* reinava no Brasil; essas acenas de sangue, essas atrocidades que tem tido lugar em algumas Proviucias, e que devem pejar a humanidade, não se virão então manchar os dias de seu curto reinado; o germen da ventura vegetava no solo Brasileiro; nem os gemidos de inumeros desgraçados mettidos em masmorras pelo capricho de hum governo barbaro, e immoral, ferião nossos ouvidos; ou enternecião nossos corações como infelizmente tem acontecido com as victimas que jazem amontoadas nessa cadeia, de Ouro Preto, e em outras: são estes sem, duvida motivos *justos* para os *facciosos* desejarem o banimento do Sr. D. Pedro! e em que se fundão os *facciosos* para o banirem? em ser perigoza a sua presença? mas para quem será perigosa, a não ser para esses malvados Jacobinos que recebem o Povo, o Povo cançado das suas oppressões, das suas tyrantias abra os braços para receber o infeliz Monarcha a quem a ambição de taes malvados

pôde arrancar-nos de nosso seio? então reconhecem esses *infames jacobinos* que a Maioria da Nação os despreza, e odeia; e que só espera momento opportuno para subtrahir-se a seu infame jugo; e se tal não pensão, que sustos os pôdem accommetter com a presença do Monarcha! quem encôhrir esses receios de que se achão possuidos, porque conhecem o desprezo que merecem, com o perigo da Patria; he hum engenhoso pretexto; mas quem deixará de conhecer sua falsidade? O Monarcha que se desvelou em promover a felicidade da Patria, que tem maior interesse do que nenhum desses *hypocritas politicos* na estabilidade do Imperio que fundou, poderá ser perigozo ao Brasil? perigozos sim, e bem perigozos são esses *fúcciosos*, esses *jacobinos* que minão pelas bazas o Edifício Constitucional, e trabalham já sem reboço na destruição da Monarchia, ou na formação de republicas *à genérica e Convenções* à maneira da França; perigozos são estes e não o Sr. D. Pedro.

Perguntaremos agora; e poderão os jacobinos justa e legalmente banilo? onde a sentença, onde os crimes para assim obrarem? poderá hum cidadão ser bani-do sem huma sentença, ou deixará o Sr. D. Pedro, de ser Cidadão para assim se praticar? como o poderão privar dos direitos que a Constituição garante? nem o achar-se o Sr. D. Pedro em Portugal, paguando por hum direito que lhe foi usurpado, e de cuja posse e gozo esteve quando occupou o Throno do Brasil, se pôde reputar *serviço estrangeiro*, que sem a devida licença o prive dos direitos de Cidadão Brasileiro, miseraveis sophistas, a causá do Sr. D. Pedro he hum direito usurpado que Elle quer reaver para fazer cessão d'elle a sua Augusta filha, he pois ainda Cidadão Brasileiro; e não podeis por hum tal motivo privalo de seus direitos.

Hum Jornalista do Porto narrando os embaraços com que se tem visto a braços os heróicos defensores da liberdade diz o seguinte:

No meio destas difficuldades, em quem tem os nossos valentes posto as suas firmes esperanças? Quem lhes ha dado os alentos necessarios para arrostrar e vencer inimigos, cujo numero parecia dever causar-lhes desmaio, e obrigarlos a ceder o campo? Quem os empenhou nas fortificações da cidade libertada, que forão deli-neadas, começadas, e concluidas, parece que tudo a hum tempo? Quem os mantêm decididos a levar ao fim a empresa

da restauração e liberdade da patria, ou a morrer por ella? Quem de diversas opiniões fez huma só opinião: a de destituir D. Miguel, e em suas ruinas alçar a carta constitucional da monarchia; porém a carta em effectiva execução, e não em mēras palavras illusorias, para servir de véo a hum funesto desgoverno? Em fim quem he o objecto da adoração e do amor dos nossos infatigaveis e invenciveis guerreiros cidadãos — aquelle por quem se offerecem as vidas com tanto des-nodo, e tanta promptidão, como se ellas fossem o presente menos valioso que podesse fazer-se-lhe? A resposta todos a advinhão: todos sabem, e algũa seu despeito, que o — Duque de Bragança tem inegável jus à affeição do exercito e do povo da heróica cidade do Porto; todos sabem que ninguem o excede em actividade, em zelo, em valor; nem tão pouco em amor à liberdade, por bem da qual não haverá feito que não commetta, nem sacrificio, a que seuão arroje.

Continua por diante o escriptor: Para dar o desengano a tantos illudidos por nossos declarados inimigos, e por nossos falsos amigos. muito tempo há sido necessario. Durante este háo combatido os soldados da patria com valor que excede a quanto delles podia esperar-se: este valor o communicarão á briosa população da cidade do Porto, nonde todos os habitantes, de qualquer idade e condição, e athe o bello sexo, hão dado provas irrefragáveis da sua inabalvel firmeza e confiança no resultado da nossa tentativa.

A ninguem assustão nem os ataques, nem as vozerias dos inimigos, e suas ameaças de mortes e de incendios. — As bombas que lanção na cidade pouco damno hão causado; mas ainda muito menos pavor. A Europa inteira, que ha visto com admiração os prodigios obrados pelo exercito do Duque de Bragança, não pôdia deixar de de-lorar a sua opinião e sympathia pela causa da honra e da liberdade, defendida por poucos contra muitos, e com victoria daquelles contra estes.

De cada vez mais cresce o odio contra o usurpador sangüinario, que, em quanto os exercitos combatem nas margens do Douro, se diverte mandando enforcar e garrotar em Lisboa por huma commissão de assassinos formados em tribunal. Mas elle está gosando dos ultimos momentos da sua existencia politica; e para se aproveitar não cessa de derramar sangue. Ainda mais algum derramará; porém já lhe não resta muito tempo de delectar-se com seus espectaculos favoritos — ca-beças espetadas em postes. — Os seus brios vão-se abatendo; os defensores do Porto fixerão ver aos soldados do tyranno quanto os campeões da liberdade são superiores aos escravos de hum despota. — O exercito de D. Miguel diminui de dia a dia; o nosso augmenta-se com socorro de fóra e de casa: os animos de cada vez mais se levantão na cidade libertada. *O Duque de Bragança uniu as esperanças da sua brava gente; socorreu os inertes; e confiou os affectos; a todos protege, e de todos he adorado...* Quem não confará nos beneficios da Providencia Divina, cançada dos horrores commettidos pelo usurpador e seus complices? Nós esperamos o prompto resultado favoravel da empresa mais nobre e mais justa que ha sido tentada neste e nos passados seculos.